

PANDEMIA DO COVID-19 E PSICOPOLÍTICA: COMPREENSÃO DO SURTO DE SARS
2003 E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A CLÍNICA PSICOLÓGICA EM SETE LAGOAS
(2020)

Autor¹: Rodrigo Pazzinato de Almeida Leite

Orientadora²: Laura Freire de Andrade

RESUMO

O presente estudo pretende estabelecer uma conexão entre as contribuições das pesquisas em saúde mental do surto de SARS de 2003 e as práticas da psicologia clínica no cenário de COVID-19, sem perder de vista o contexto de psicopolítica da contemporaneidade. A repentina crise desencadeada pela pandemia faz com que os esforços sejam direcionados para a saúde biológica da população e para mitigação dos impactos econômicos, mas pouco se faz para conter a crise em saúde mental, cujas consequências são mais permanentes e duradouras. Assim, o estudo visa responder: de que forma a compreensão das respostas psicológicas ao surto de SARS de 2003 pode contribuir para o exercício da psicologia na cidade de Sete Lagoas, em tempos de psicopolítica e cenário de COVID-19? Busca-se então compreender as contribuições das respostas psicológicas ao surto de SARS de 2003 para o exercício da psicologia em Sete Lagoas. A metodologia utilizada foi análise de conteúdo a partir de entrevista semi-estruturada com seis psicólogos que atuam em psicologia clínica. Os resultados permitem afirmar que os impactos em saúde mental causados pela pandemia são preocupantes, principalmente quando em termos de ansiedade e medo. No entanto, existem diversos fatores que contribuem para que a SARS de 2003 não produza novos aprendizados para o *acontecimento* da COVID-19, como a deficiência na transferência do conhecimento e a ascensão do *Big Data*. Os achados dessa pesquisa evidenciam, ainda, que os resultados dizem respeito a uma classe favorecida econômica e socialmente, não retratando a realidade da população setelagoana.

Palavras-chave: SARS. COVID-19. Psicopolítica. Psicologia clínica. Saúde mental.

ABSTRACT

This study intends to establish a connection between the contributions of mental health researches in the SARS outbreak occurred in 2003 and the practices of clinical psychology in the context of COVID-19, without losing sight of the context of contemporary psychopolitics. The sudden crisis triggered by the pandemic means that efforts are directed to the biological health of the population and to mitigate economic impacts, but little has been done to contain the mental health crisis, whose consequences are even more permanent and lasting. Therefore, this study aims to answer: how can understanding the psychological responses to the SARS outbreak of 2003 contribute to the practice of psychology in the city of Sete Lagoas, in times of psychopolitics and the scenario of COVID-19? It was sought then to understand the contributions of psychological responses to the SARS outbreak in 2003 to the practice of psychology in Sete Lagoas. The methodology used was content analysis based on a semi-

¹Graduando em Psicologia da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas/MG.

E-mail: rpaleite@hotmail.com

²Mestre e professora da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas/MG

E-mail: laurafreire.8@hotmail.com

structured interview with six psychologists working in clinical psychology. The results allow us to affirm that the impacts on mental health caused by the pandemic are worrying, especially in terms of anxiety and fear. However, there are several factors that contribute to the 2003 SARS not producing new learnings for the COVID-19 occurrence, take the deficiency in the transfer of knowledge and the rise of Big Data as example. The findings of this research also show that the results refer to an economically and socially favored class, not portraying the reality of the population from Sete Lagoas.

Keywords: SARS. COVID-19. Psychopolitic. [Clinical psychology](#). Mental health.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo problematiza a possibilidade de aprendizados que o surto de síndrome respiratória aguda ocorrido em 2003 (SARS de 2003) pode fornecer perante a crise de saúde mental imposta pela pandemia do coronavírus (causador da doença COVID-19), tendo o neoliberalismo como contexto e a psicopolítica como referência teórica, conforme trabalhos de Byung-Chul Han.

Cientistas que estudaram a SARS de 2003 defendem que o impacto psicológico da pandemia da COVID-19 será maior do que o impacto biológico do vírus, por ser permanente e duradouro, gerando sintomas de estresse, ansiedade e depressão (MORGANSTEIN et al, 2017; MacBRIDE, et al 2020; ORNELL et al 2020; SOOD, 2020). A rápida disseminação do coronavírus, a vivência de confinamento e a difusão instantânea de todo tipo de informação tem gerado sentimentos de confusão, medo e ansiedade (SCHMIDT et al, 2020). A psicologia tem como desafio problematizar o cenário de mudanças, neoliberalismo e psicopolítica, permeados por um mundo de dados digitais que traz reflexos nos modos de viver.

Apesar de inúmeros trabalhos realizados sobre a pandemia, não foi encontrado trabalhos no Brasil com articulações entre saúde mental e psicopolítica. Ao buscar preencher essa lacuna, essa pesquisa justifica-se por contribuir com uma reflexão social sobre os aprendizados frente a importantes *acontecimentos* históricos. Tais reflexões à luz da saúde mental beneficiam a psicologia como ciência e profissão por analisar os impactos psicológicos da pandemia tendo em vista o homem inserido em contexto de psicopolítica e a compreensão da dimensão psicossocial das doenças infecciosas.

Esse estudo pode orientar a prática profissional por meio de evidências científicas baseadas na prática de outros países, uma vez que, no presente momento, o Brasil produziu pouco material científico nessa temática. Para tanto, esse trabalho visa responder a seguinte questão: de que forma a compreensão das respostas psicológicas ao surto de SARS de 2003 pode contribuir para o exercício da psicologia na cidade de Sete Lagoas, em tempos de psicopolítica e cenário de COVID-19?

Para responder a questão norteadora, apresentam-se os seguintes objetivos: como objetivo geral, o estudo busca compreender as contribuições das respostas psicológicas ao surto de SARS de 2003 para o exercício da psicologia em Sete Lagoas, em tempos de psicopolítica e cenário de COVID-19. Os objetivos específicos são: (i) Conceituar COVID-19, neoliberalismo e psicopolítica; (ii) Contextualizar a pandemia da COVID-19 em tempos de neoliberalismo e psicopolítica na cidade de Sete Lagoas e (iii) Analisar as principais demandas psicológicas encontradas a partir de análises e escuta de profissionais da área.

Para se alcançar os objetivos propostos, buscou-se uma metodologia de natureza exploratória, com fins qualitativos e uma pesquisa de campo com psicólogos de Sete Lagoas-MG, por meio de entrevistas semiestruturadas. Os dados foram analisados pelo método de análise de conteúdo.

O presente artigo traz a importância de refletir o contemporâneo à luz de *acontecimentos* históricos, deixando claro que ainda existem lacunas na transferência de conhecimento entre a ciência e a prática psicológica, tanto a nível clínico, como em políticas públicas de saúde mental. Ao entrevistar psicólogos de clínicas particulares, essa pesquisa traz como viés a percepção de uma classe favorecida, tanto econômica, como socialmente.

Este trabalho apresenta uma estrutura dividida em 5 seções. A primeira seção contém introdução, problema, justificativa e objetivos. Na segunda seção apresenta-se o referencial teórico com informações do surto de SARS de 2003 e da pandemia ocasionada pelo COVID-19, com seus reflexos na saúde mental da população, seguido de contextualização da pandemia em cenário de neoliberalismo, psicopolítica e pensamentos contemporâneos similares. A terceira seção traz a metodologia para alcançar os objetivos. Na quarta seção apresenta os resultados e discussão e por fim, na última sessão, as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A dimensão da pandemia da COVID-19 deve ser vista a partir da noção de *acontecimento*, como algo que interroga o que nós somos, tendo em vista os limites da contemporaneidade. Assim como a Revolução Francesa colocou em cheque a noção de atualidade no século XVIII devido sua singularidade e o valor histórico, o *acontecimento* dessa pandemia traz importantes questionamentos para a humanidade. É necessário manter a história presente, como aquilo que já foi um dia pensado, para que a história seja fonte de aprendizado. Para alguns teóricos, aprender é ter uma visão crítica sobre a atualidade (CARDOSO, 1995; ROCHA, 2018).

2.1 SARS 2003 - BREVE HISTÓRICO

A síndrome aguda respiratória grave (SARS) infectou mais de 8.000 pessoas no mundo entre novembro de 2002 e julho de 2003, em 26 países, o que levou a Organização Mundial de Saúde (OMS) a emitir um alerta global de saúde (MORGANSTEIN et al, 2017; SOOD, 2020). O surto causou pânico em diversos países, sua taxa de mortalidade foi de 10%, sendo a mais importante doença infecciosa depois do HIV no início dos anos 1980, impactando as pessoas de forma física, psicológica, social e econômica. Dentre as semelhanças da COVID-19 causada pelo coronavírus Sars-CoV2 e a SARS de 2003 causada pelo coronavírus Sars-CoV1 podemos destacar o genoma (86% de semelhança), ambos com via de transmissão respiratória e fatores de risco para resultados graves associados à senilidade e comorbidades (MORGANSTEIN et al, 2017; RU et al, 2020; WILDER-SMITH et al, 2020).

Conhecer os desdobramentos do surto de SARS de 2003 é importante, pois oferece um panorama de comportamentos da população em situações de pandemia, não apenas pelos riscos médicos, mas pelas implicações na saúde mental, já que os danos mentais tendem a permanecer por mais tempo na sociedade (SOOD, 2020). O impacto direto na saúde mental causado pela COVID-19 pode ser previsto com base no surto de SARS 2003. Desta forma, é importante explorar as reações do público para entender os impactos psicológicos relacionados ao sofrimento que emerge em cada indivíduo (CHEUNG et al., 2020).

2.1.1 Impactos em Saúde Mental

Os efeitos negativos da SARS de 2003 foram amplificados pelos danos políticos e econômicos, provocando as reações de confusão, medo e ansiedade. O sentimento de medo

aumenta a ansiedade e estresse até mesmo em pessoas saudáveis (ORNELL et al 2020). Por outro lado, o estresse e a ansiedade são importantes, em alguma medida, para que as pessoas adotem as precauções necessárias para evitar a contaminação (MORGANSTEIN et al, 2017).

O surto de doenças contagiosas provoca sintomas do transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) semelhantes a situações extremas, podendo ser considerado uma catástrofe de saúde mental (MacBRIDE, et al 2020). Nesse contexto é possível encontrar sintomas de estresse (tanto no trabalho, como no ambiente familiar) e depressão. A percepção do risco de ser contaminado (30% das pessoas achou que contrairia SARS em 2003) pode ter contribuído para o estresse e o sentimento de desamparo (MORGANSTEIN et al, 2017; ORNELL et al 2020).

2.2 COVID-19 – BREVE HISTÓRICO

Na China, o surto da COVID-19 foi rapidamente disseminado em janeiro de 2020, despertando atenção global. Teve início em Wuhan, na China, em dezembro de 2019. Foi denominado de SARS-CoV-2 e devido à gravidade da doença e a rápida disseminação do vírus, a OMS declarou emergência global (LI et al, 2020).

Em 15 de outubro de 2020 havia um total de 38.202.956 casos confirmados e 1.087.069 óbitos no mundo inteiro (OMS, 2020). Nessa mesma data, o Brasil contava com 5.140.863 de casos confirmados e 151.747 óbitos, com uma letalidade de 3,0% (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). O número de novos casos, a ausência de vacina e de tratamentos tem gerado colapso em diferentes países, contribuindo para o aparecimento dos sentimentos de confusão, medo e ansiedade, como os retratados pela SARS de 2003 (SCHMIDT et al, 2020).

2.2.1 Impactos em Saúde Mental

O caráter repentino da crise e a necessidade de uma rápida resposta dos governos faz com que o gerenciamento da crise esteja embasado em pouco conhecimento psicológico, deixando os aspectos psicossociais em segundo plano. A pandemia cria fatores de estresse em grande parte da população, principalmente entre aqueles com maior risco de infecção (MORAES, 2020).

Na China, um estudo que contemplou 1.210 entrevistados em 190 cidades sugere que mais da metade da população classifica o impacto psicológico da pandemia como moderado a grave, sendo que os sintomas de ansiedade, depressão e estresse foram relatados como moderado e grave, respectivamente, em 28,8%, 16,5% e 8,1% dos participantes (WANG et al, 2020).

Além dos sintomas psicológicos provocados pela vivência da pandemia, existem características relacionadas à situação de quarentena: confusão, raiva e estresse pós-traumático são potencializados pela imposição de restrição de liberdade. Assim, a população convive com o medo, tédio e informações inadequadas (BROOKS et al, 2020; McBRIDE et al, 2020). A visão de que esse confinamento visa um bem estar comunitário pode servir de propósito. Estudos sugerem que a população espanhola confia mais nas famílias do que nos vizinhos. Com distanciamento de familiares que moram em outras residências, a varanda e os espaços próximos passam a ser mais utilizados, tendo como consequência a possibilidade de fortalecimento das redes sociais comunitárias (ARAGONÈS & SEVILLANO, 2020).

A ansiedade parece ter forte influência sobre o modo com que as pessoas respondem ao surto viral. A exposição à mídia contribui para desencadear transtornos relacionados à ansiedade (ASMUNDSON & TAYLOR, 2020). Em contexto de pandemia, as fontes de informações exercem um papel importante acerca da percepção do risco, já que informações percebidas como ruins ou negativas contribuem para aumentar a percepção de risco, enquanto que aquelas positivas reduzem essa percepção (ARAGONÈS & SEVILLANO, 2020).

Um estudo brasileiro procurou sistematizar os conhecimentos sobre a COVID-19 enfatizando os aspectos de saúde mental, em que é destacada a importância da psicologia em contexto de crise, urgência, emergência e desastre. Um referencial teórico que leve em conta a realidade brasileira ainda é escasso. Muitos dos estudos são relacionados a tsunamis, furacões e terremotos, que não ocorrem habitualmente no Brasil. Dessa forma, há necessidade de pesquisas que investiguem o contexto brasileiro e os grupos de maior vulnerabilidade socioeconômica (REIS & CARVALHO, 2016; SCHMIDT et al, 2020).

2.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PANDEMIA EM TEMPOS DE NEOLIBERALISMO

Para contextualizar o momento histórico da pandemia e propiciar um diálogo com as respostas dos entrevistados nessa pesquisa de campo, é importante compreender o cenário atual, em que política econômica molda o ser humano interferindo nas pessoas e subjetividades. Dessa forma, o tópico seguinte explora o neoliberalismo e suas influências na subjetividade, além de articulações com o cenário de psicopolítica e pandemia.

2.3.1 Neoliberalismo, Subjetividades e Psicopolítica

O neoliberalismo nasceu como uma reação política a um Estado intervencionista e de bem-estar no pós-segunda guerra, nas sociedades em que o capitalismo prevalecia, já que a regulação social do Estado era vista como uma maneira de retirar a liberdade dos cidadãos. Nesse sistema, a prosperidade depende de uma maior liberdade do capital, que poderia revelar suas qualidades de justiça, eficiência e riqueza na medida em que o Estado se afasta de assuntos sociais e econômicos (SILVA & ALEXANDRE, 2019). O pensamento neoliberal defende a propriedade privada e a não intervenção do Estado na economia, tendo como efeito a modificação das relações humanas, pois o individualismo é um dos valores centrais do neoliberalismo. Nesse contexto, a liberdade e a igualdade são vistas como valores contrários (COLARES et al, 2019).

Empreendedorismo individual, privatização, liberalização e desregulação financeira são termos que se articulam e servem de base para o movimento neoliberal. Ao retomar os antigos ideais do liberalismo clássico, o neoliberalismo traz a visão da retirada do Estado do mercado, visando a autorregulação da economia. Além de uma oposição entre Estado e mercado, o neoliberalismo apresenta-se hoje como um modo de existência do capitalismo, ultrapassando fronteiras de um simples sistema de organização política para fazer emergir uma série de implicações para a sociedade, a política, a economia, a proteção social e também, para as condições de saúde da população (VIANA E SILVA, 2018). O que se percebe é a decadência do próprio Estado que contribuiu para que esse sistema ganhasse forças. Nesse sentido, o que se apresenta é o declínio dos Estados-nação, anteriormente soberanos, na construção de um aparelho social descentralizado e regulado por organismos supranacionais tais com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Organização das Nações Unidas (ONU), Fundo Monetário Internacional (FMI) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

As fronteiras nacionais “desaparecem” em prol do livre mercado. Nenhum país, nessa nova ordem mundial, ocupa situação de liderança e sim, posições privilegiadas conforme sua capacidade de regular as relações de poder. O que se verifica, portanto, é um exercício da gerência do consumo, esse que se apresenta um gerenciamento mais sutil e, portanto, mais potente, uma vez que se consome lazer, cultura e, sobretudo, subjetividades. Guattari e Rolnik (2005) apud ANDRADE (2009) afirmam que o comando planetário investe na serialização de subjetividades, ou seja, indivíduos produzidos de maneira coletiva.

Considerando o homem da pós-modernidade, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han cunhou o termo “sociedade do cansaço” para designar a sociedade contemporânea, cujas novas formas de subjetividade funcionam como uma auto-imposição de realização e constante superação. Há um deslocamento de um sujeito da obediência (presentes na sociedade moderna/disciplinar) para um sujeito do desempenho, que é mais rápido e eficiente, com autodisciplina e positividade, cujo excesso de investimento necessário para a realização leva a uma série de esgotamentos e sofrimentos psicológicos (CORBANEZI, 2019).

Esse enredo neoliberal, que transforma o cidadão em consumidor (e consumido), somado a vastidão das redes de informação disseminadas em um ambiente em que a promessa de transparência impera, traz à tona a reflexão sobre a tão sonhada liberdade. Surge o que Han (2018) chamou de psicopolítica, uma forma de funcionamento de poder que instaura uma crise da liberdade. Não é mais preciso a utilização da força coercitiva para a dominação, pois a exposição do cidadão é feita “voluntariamente”: coloca-se nas redes uma infinidade de dados e informações pessoais por meio do *smartphone*.

Seduzidos pela amabilidade da economia global e digital, o indivíduo declara publicamente seus desejos, cujo repertório é produzido pelo próprio sistema, entregando ao “Grande Irmão” todas as ferramentas necessárias para exercer o controle e o poder. A liberdade é usada, então, para manipulação da sociedade, tal como fazem os operadores de *Big Data*, que, segundo Rautenberg e Carmo (2019), é um fenômeno tecnológico, em que o imenso volume de dados heterogêneos não pode ser processado por soluções computacionais tradicionais. Por meio do *Big Data*, reúne-se uma quase infinita quantidade de dados, que são explorados e comercializados, sendo possível compreender o que há de mais íntimo no ser humano, inclusive o que escapa à sua consciência (BONTEMPO, 2019).

Inaugura-se, assim, a era do dataísmo, um *segundo Iluminismo* que traz como imperativo a transformação de tudo o que for possível em dados e informação. A instauração da barbárie é

agora a barbárie dos dados, que reside na falsa promessa de transparência e captura do registro total da vida comum (HAN, 2018).

2.3.2 Psicopolítica e Pandemia

O enfrentamento da COVID-19 por meio da imposição do confinamento afeta diretamente o neoliberalismo, reduzindo e mudando padrões de consumo, levando à sociedade ao maior choque global desde a Grande Depressão. As pessoas passam a se questionar sobre o que realmente importa, descortinando a fragilidade do neoliberalismo. A pandemia expõe consequências perversas do sistema vigente e uma clara percepção de sua insustentabilidade em momentos de crise, fazendo eclodir diversos questionamentos. Quais seriam as prioridades: possuir o último modelo de *smartphone* ou um sistema de saúde com acesso para todos? Qual o papel da acumulação de riquezas no momento de salvar vidas? (BARROS, 2020; DALTRO & SEGUNDO, 2020; MACHADO et al, 2020).

Mais do que em qualquer momento da civilização, o instrumento psicopolítico do *Big Data* torna-se um aliado de enfrentamento da ameaça viral, garantindo com eficiência conhecer as dinâmicas de movimento da população e as formas de comunicação social. Países do mundo oriental que utilizam de vigilância digital obtém mais sucesso do que países europeus que recorrem ao arcaico fechamento de fronteiras, escondendo assim, a face xenofóbica e racista do vírus. Nesse contexto, um desejo de uma mudança no mundo, em prol da valorização do humano parece ganhar forças (AGAMBEN, 2020; BUTLER, 2020; HAN, 2020)

Adicionalmente, constata-se (sem minimizar os riscos da pandemia) uma reação de pânico vista como desproporcional por parte dos estudiosos. Han (2020) explica que o pânico exacerbado é fruto da digitalização. A realidade, distorcida pela digitalização do mundo, é escancarada, havendo um choque frente ao mundo que era visto em contexto de positividade. A psicopolítica se ocupa disso, atingindo a população por meio da captura das emoções, que por serem voláteis, atendem justamente à instabilidade provocada e necessária para a manutenção do sistema capitalista (HAN, 2018).

O vírus não é mais uma ameaça e se materializa como uma nova realidade que põe em cheque a volatilidade dos mercados financeiros, dotados de “nervosismo” e, também, medo. Há de se pensar numa maneira de maior controle e regulação da economia, ou ainda novas maneira de

governar o mundo, já que os caminhos traçados anteriormente mostraram-se frágeis e repletos de lacunas (PETIT, 2020; ZIZEK, 2020).

Em meio à pandemia, o poder psicopolítico avança. Ao invés de oprimir, busca agradar, evidenciando que sua força está justamente na atuação silenciosa e desprovida dos mecanismos de violência e coerção explícitos e, portanto, mais potentes que o modelo anterior (HAN, 2018).

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o trabalho foi de natureza exploratória. Tal definição se justifica pelo caráter recente do assunto estudado, em que se procura maior familiaridade com a prática psicológica a partir da compreensão de respostas ao surto de SARS de 2003 e da COVID-19. Em relação aos fins, essa pesquisa é qualitativa, visando aprofundar os conhecimentos sobre a pandemia, inter-relacionando com o papel da psicologia em cenário de psicopolítica. Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se a pesquisa de campo por meio de entrevistas semiestruturadas com psicólogos que fazem atendimentos clínicos na cidade de Sete Lagoas.

Foram entrevistados seis psicólogos que vivenciam experiências práticas sobre o problema pesquisado. O acesso foi feito por conveniência. Como critério de inclusão, estabeleceu-se possuir registro no CRP (Conselho Federal de Psicologia) e realizar atendimento psicológico clínico em instituições particulares na cidade de Sete Lagoas-MG. O instrumento para coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada com questões direcionadas à pandemia e à prática profissional de psicólogos no cenário de psicopolítica. A transcrição das entrevistas foi realizada com auxílio do website <https://otranscribe.com/>. Os dados foram analisados pelo método de Análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

3.1 Análise dos dados e categorização

Para a criação de categorias utilizou-se como critérios a frequência de palavras e a relevância do tema. Para a frequência de palavras foi utilizado o website <https://www.wordclouds.com/> a fim de produzir um mapa que pudesse auxiliar na pré-análise flutuante, que, segundo Bardin

(1977) auxilia na formulação de hipóteses, direcionamento e dimensões da análise. Foram excluídos pronomes, artigos e conectivos que não tinham relevância com o objeto de análise. O mapa e a tabela de frequência podem ser vistos nos apêndices 1 e 2. Apesar de lançar-se mão de uma quantificação para ter um panorama da pesquisa, as categorias foram definidas segundo análise temática, que trabalha com a palavra contextualizada para que os dados sejam analisados de forma qualitativa.

4 Apresentação e discussão dos resultados

A seguir será apresentada a tabela de identificação dos entrevistados, seguido de discussões sobre cada categoria de análise à luz do referencial teórico.

4.1. Perfil e identificação dos entrevistados

Tabela 1. Nome fictício, idade e tempo de atendimento clínico de cada um dos entrevistados.

Nome (fictício)	Idade	Tempo de clínica
Lia	37	3
Maria	29	2
Marta	64	30
Luís	28	5
Denise	31	5
Luana	32	9

Fonte: dados da pesquisa

4.2. Categorias de análise

Foram criadas três categorias de análise, a saber: (i) impactos psicológicos da pandemia; (ii) confinamento e crise no sistema familiar; (iii) a rede de informações e o sentimento de liberdade.

4.2.1 Impactos psicológicos da pandemia

Dentre os impactos psicológicos da pandemia, o medo, a ansiedade e a angústia foram os sintomas mais frequentes na fala dos entrevistados. Estudos sobre a SARS de 2003 também relataram o medo e ansiedade como sentimentos relacionados à pandemia (ORNELL et al., 2020). A angústia e o medo aparecem na fala da psicóloga Maria: “O que tem mais repercutido aqui na minha escuta é uma certa angústia, um certo medo do que vai acontecer, do futuro...”

Esses sentimentos aparecem aliados a uma imprevisibilidade do futuro. O medo pode, ainda, ser uma consequência da situação de quarentena da população (LIMA et al., 2020).

Na fala da psicóloga Denise, o que mais chamou a atenção foi a ansiedade e a cobrança excessiva. Essa cobrança aparece na entrevista como uma autocobrança, que vai de encontro aos estudos de Han (2018), em que o homem é motivado para autossuperação e autorrealização constantes: “[...] para mim foram ansiedade e a cobrança excessiva, as principais dificuldades que apareceram para essas pessoas”.

É importante não perder de vista que, quem lida com a pandemia, é esse sujeito contemporâneo às voltas com a psicopolítica. A estrutura ideológica tecnocrática em que se desenvolvem os países ocidentais e a ascensão do *Big Data* são terrenos férteis para a ansiedade. É justamente a ansiedade, capturada pelo neoliberalismo, que leva à incansável atividade empresarial do indivíduo. Em um sistema que tem como base o empreendedorismo individual, não restam tantos caminhos senão o esgotamento psíquico.

A ansiedade, assim como depressão e estresse, são reações consideradas comuns durante a COVID-19, segundo uma revisão sistemática de literatura sobre COVID-19 e saúde mental que analisou 28 artigos, a maioria de estudos realizados em países orientais (RAJKUMAR, 2020). Segundo Lima et al. (2020), a ansiedade é a principal reação, a resposta dominante na pandemia, e pode agravar após a primeira morte por COVID-19 na comunidade. Considerando-se que a ansiedade é uma experiência desencadeada por fatores externos, o *Big Data* passa a ser co-constitutivo para essa experiência, mobilizando os afetos e moldando as subjetividades do homem atual. Apesar da rede de dados não ser uma novidade, podemos estabelecer uma diferença de realidade entre 2003 e 2015, em que o número de celulares no mundo passou de 1,3 para 7,2 bilhões (TELECO, 2016), mostrando que o contexto da COVID-19 tem maiores atravessamentos do campo digital, quando comparados ao surto de SARS de 2003.

4.2.2 Confinamento e crise no sistema familiar

A família permeou a fala dos entrevistados das mais variadas formas, seja nas relações conjugais ou nas relações entre pais e filhos. A criança dentro de casa, os jovens confinados, a mãe sobrecarregada e o homem provedor com medo do desemprego foram alguns dos “personagens” que fizeram parte do enredo. A hiperconvivência da organização familiar trouxe desconforto para grande parte dos pacientes atendidos pelos psicólogos entrevistados. A fala da psicóloga Maria ilustra bem o que tem acontecido no ambiente familiar:

“[...] aí vai surgir a hiperconvivência, (...) dos casais, (...) o tempo todo um colado, a casa virou o trabalho e ali você tá produzindo dentro de casa e a gente sabe o quanto das vezes é outro lado (de fora) que oferece a gente um pouquinho de suporte para lidar com essas relações, um véu... costuma-se dizer o véu é importante para recobrir um pouquinho daquilo que é do outro. Às vezes chega a ser insuportável essa relação de hiperconvivência”.

A fala da hiperconvivência é atravessada pela necessidade de produzir dentro de casa. Ao sujeito, é vedado parar. O sujeito consumidor, moldado pela autodisciplina, positividade e superação constante se depara com a imprevisibilidade desencadeada pela pandemia. É interessante que diversos artigos sobre saúde mental produzidos na ocasião da SARS de 2003 não relataram a crise no sistema familiar como algo relevante, e que aparece nessa pesquisa, assim como em outros trabalhos sobre a COVID-19. A incerteza e o medo favorecem um ambiente que pode desencadear diversas formas de violência familiar (USHER et al.,2020). Peterman et al. (2020) relacionou o aumento da violência contra mulheres e crianças com situações de incerteza econômica, agitação civil e desastres, incluindo a pandemia atual.

A acumulação de papéis no ambiente familiar também gera conflitos, levando as pessoas a pensar sobre a família confinada. Na fala de Marta, o conflito da mãe que trabalha e da criança que estuda online:

“Quando as mães tem que virar professoras, (...), isso cria uma situação difícil, um desentendimento entre mãe e filho. As crianças também têm dificuldade de ficar tantas horas na aula sem se distraírem, as mais agitadas é quase impossível segurar na aula.”

A necessidade de desempenho pode ser vista no discurso das mães em atendimento psicológico. O discurso neoliberal presente nas instituições de ensino faz com que, além da situação de confinamento, as famílias tenham que lidar com a perda de produtividade escolar, gerando estresse e ansiedade.

Apesar da crise instaurada no confinamento das famílias, ela se revela também como uma possibilidade de se aproximar da família. De acordo com o psicólogo Luís, “A pandemia não seria um isolamento social, porque te isola de alguém distante, mas aproxima de quem mora junto.”

Dessa forma, a situação de confinamento também é uma oportunidade para abrir espaço ao diálogo dentro das famílias e dos casais. Em tempos de individualismo cada vez maior, a convivência e bem estar familiar podem servir de propósito e, assim, atenuar o sofrimento abrindo outras possibilidades de viver e conviver.

4.2.3 A rede de informações e o sentimento de liberdade

A contemporaneidade, marcada pela comunicação em massa, traz consigo um agravo em tempos de pandemia, fazendo emergir um sentimento de confusão. O psicólogo Luís relata a maneira que percebe as pessoas lidando com as informações: “[...] informações desencontradas e pela metade... pessoas interpretam da maneira mais rápida possível que fazem sentido para as questões de vida dela.”

Pode-se perceber que a comunicação é atravessada por um querer, por uma busca daquilo que faz sentido para cada um. Assim, o diálogo e o conhecimento perdem espaço para as convicções e certezas provisórias que promovem polaridades e informações voláteis. De fato, a pandemia da COVID-19 evidencia o medo do desconhecido. A falta de clareza nas informações e a rede de notícias falsas que assolam o país contribuem ainda mais para o desamparo que vem de um futuro incerto. Num cenário de possível aprendizado sobre os impactos psicológicos da SARS de 2003, haveria de supor-se um investimento estatal na veracidade das informações, combate aos sistemas de disparos em massa de notícias falsas e suporte em saúde mental da população, o que não aparece na fala dos entrevistados.

A técnica de dominação da psicopolítica mantém o sistema dominante por meio do controle psicológico e da programação. Nesse sentido, a liberdade ainda é possível porque o *acontecimento* traz uma espécie de ruptura, em que emerge um espaço a ser preenchido. Abre-se possibilidade para mobilização do sujeito, criando outras relações e individualidades. Pode-se esperar que o sujeito encontre saídas para a submissão pela qual a psicopolítica opera. A psicóloga Luana relatou sobre o encontro das pessoas consigo mesmas:

“[...] sobretudo fazer com que as pessoas tivessem tempo para encontrarem consigo mesmas. Verem de fato a forma com que elas estavam levando a vida, quem elas estavam se tornando, então acredito que teve muito essa percepção.”

Seria a pandemia um momento em que as pessoas podem olhar para a própria vida e tentar encontrar novos sentidos em busca de uma liberdade? Tornar-se-iam livres para outras formas de vida que ainda não tem nome, como um *acontecimento* que tira o sujeito da sujeição para constituição de cada um, produzindo algo novo? Nesse sentido, Han (2018) retoma o pensamento de Foucault, em que viver algo completamente diferente, o *acontecimento*, pode conduzir o sujeito novamente à liberdade. O *acontecimento* é capaz de produzir novidades subjetivas e coletivas, porém resta saber se a novidade será em nome de novos modos de sujeição ou de novos escapes para a busca da tão sonhada liberdade (JAQUET, 2016).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo tratou de uma articulação da temática contemporânea de psicopolítica com a prática da psicologia em situações de crise, resgatando os aprendizados técnico-científicos do surto de SARS de 2003 para compreender as respostas psicológicas da pandemia COVID-19.

Para tanto buscou-se responder à questão: de que forma a compreensão das respostas psicológicas ao surto de SARS de 2003 pode contribuir para o exercício da psicologia na cidade de Sete Lagoas-MG, em tempos de psicopolítica e cenário de COVID-19?

Utilizou-se como norte os objetivos de compreender tais contribuições, além de conceituar a psicopolítica e neoliberalismo, contextualizando com a COVID-19 e analisar as demandas psicológicas a partir de relatos de psicólogos com experiência clínica. O método utilizado foi de natureza exploratória, com fins qualitativos e os dados analisados por análise de conteúdo.

Os resultados demonstraram que os sintomas psicológicos presentes na pandemia da COVID-19 são semelhantes ao ocorrido no surto de SARS de 2003, principalmente em relação aos sintomas de medo e aqueles relacionados aos transtornos de ansiedade, sendo este último agravado em tempos de psicopolítica. No entanto, parece que não existe uma transferência dos aprendizados da SARS de 2003, evidenciados cientificamente, para o cenário da pandemia atual. Dessa forma pode-se concluir que a pesquisa científica é limitada uma vez que existe uma dificuldade em tornarem-se práxis psicológicas e políticas de saúde pública. O

cenário de confusão, medo e ansiedade se repete e o aumento das demandas psicológicas durante a pandemia demonstra que pouco (ou nada) foi feito em prol da saúde mental, o que pode fazer com que esse *acontecimento* não produza novidades que conduzam o homem à liberdade. O exercício da psicologia clínica em Sete Lagoas-MG evidencia que um problema de saúde que é público, atende a uma elite minoritária, expondo, mais uma vez, a face elitista da psicologia.

Essa pesquisa limitou-se a um grupo de seis psicólogos entrevistados, todos atendendo em consultório particular na cidade de Sete Lagoas/MG. As entrevistas foram realizadas online em função do distanciamento social imposto pela pandemia, o que pode ser visto também como um fator limitante.

Sugere-se que futuros trabalhos realizem essa pesquisa no Sistema Único de Saúde (SUS) de forma a poder direcionar políticas públicas para a população em diferentes classes sociais. A análise do contexto psicopolítico deixa lacunas ainda sem respostas. O cenário de incerteza continua depois de 10 meses da descoberta do vírus na China. Pensando na formação das bolhas digitais pelas quais o *Big Data* opera, pode-se prever grupos de pessoas com comportamentos bastante distintos. De um lado, parte da população pode ter dificuldade de retornar às atividades ao ar livre, convivendo por muito tempo com o medo, o que pode levar desde conflitos nos sistemas familiares até ao desenvolvimento de transtornos psiquiátricos mais graves, como os transtornos fóbicos e os transtornos de ansiedade generalizada. Outras pessoas, mais conectadas, tanto à lógica neoliberal, como às informações negacionistas, irão continuar navegando na onda capitalista, porque o importante são as oportunidades que a época oferece, e nesse ponto, a psicopolítica pode ser uma grande aliada para os operários do seu sistema ao oferecer de bandeja um vasto leque de oportunidades. Por outro lado, a possibilidade de um encontro consigo mesmo, proporcionada por esse *acontecimento*, pode levar o indivíduo a encontrar saídas mais reflexivas, inclusive que escapam ao panóptico digital, abrindo assim, um ponto luminoso para o futuro da humanidade e a busca da liberdade.

É importante que os profissionais da psicologia estejam atentos aos possíveis desenlaces desse momento histórico, pois novas maneiras de viver as relações podem emergir e, portanto, os psicólogos podem ser grandes aliados no campo das saídas reflexivas. O campo de trabalho profissional deve ultrapassar as paredes da clínica psicológica, mesmo que, para isso, faça uso das redes sociais problematizadas nesse estudo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, D. P. (2019). Neoliberalismo: crise econômica, crise de representatividade democrática e reforço de governamentalidade. **Novos estudos CEBRAP**, 38(1), 109-135. Epub Maio 06, 2019. doi.org/10.25091/s01013300201900010006
- ANDRADE, L. F. (2009). **O psicólogo no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Fortuna de Minas – MG: na trilha cartográfica dos territórios subjetivos**. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG
- AGAMBEN, G. La invención de una epidemia. In: **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporâneo em tempos de pandemia**, p. 17-20. 2020. ASPO.
- ARAGONÉS, J.I, SEVILLANO, V. Un Enfoque Psicoambiental del Confinamiento a causa del COVID-19. **Revista de Psicología Social**. 2020. p.73-80. Univers. de Granada.
- ASMUNDSON, Gordon J.G.; TAYLOR, Steven. How health anxiety influences responses to viral outbreaks like COVID-19: What all decision-makers, health authorities, and health care professionals need to know. **Journal of Anxiety Disorders**, Volume 71, Abril, 2020. In: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0887618520300256?via%3Dihub#bibl0005>. Acesso em: 27 de abril de 2020.
- BITTENCOURT, Henrique Borba et al. Psicoterapia on-line: uma revisão de literatura. **Diaphora**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 41-46, jul. 2020. ISSN 2238-9709. Disponível em: <<http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/202>>. Acesso em: 29 Set. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.29327/217869.9.2-6>.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, F. B. Sobre dor, sofrimento e esperança: o novo Coronavírus e a condição humana no antropoceno. **Ethnoscintia** 5, 2020. D.O.I.: ethnoscintia.v5i1.290
- BONTEMPO, V. L. Psicopolítica. **Sapere Aude**, v. 10, n. 19, p. 432-441, 2 jun. 2019.
- BROOKS, S. K., WEBSTER, R. K., SMITH, L. E., WOODLAND, L., WESSELY, S., GREENBERG, N., & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: Rapid review of the evidence. **The Lancet**, 395(10227), 912-920. [https://doi.org/10.1016/S01406736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S01406736(20)30460-8)
- BUTLER, J. El capitalismo tiene sus límites. In: **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporâneo em tempos de pandemia**, p. 59-65. 2020. ASPO
- CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. Foucault e a noção de acontecimento. *Tempo Social: Foucault, um pensamento desconcertante*, **Rev. Sociol. USP**, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 53-66, 1995
- COLARES, A. A.; COLARES, M. L. I. S.; CARDOZO, M. J. P. B. Liberalismo, estado, colonialismo e educação: interfaces com o passado e as lições para a atualidade. **Revista Teias**, [S.l.], v. 20, n. 56, p. 418-435, mar. 2019. ISSN 1982-0305. Disponível em:

<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/40244>>. Acesso em: 06 de maio de 2020. doi:<https://doi.org/10.12957/teias.2019.40244>.

COPETTI NETO, Alfredo; GARCIA, Mariana da Silva. Um ensaio sobre os fundamentos liberais-sociais da Constituição Brasileira de 1988. **Revista de Direito Brasileira**, São Paulo, SP, v. 18, n. 7, p. 134-148, Set./Dez. 2017.

CHEUNG, T., FONG, T.K. and BRESSINGTON, D. (2020), COVID-19 under the SARS Cloud: Mental Health Nursing during the Pandemic in Hong Kong. **J Psychiatr Ment Health Nurs**. Accepted Author Manuscript. doi:10.1111/jpm.12639

CORBANEZI, Elton. Sociedade do cansaço. **Tempo soc.**, São Paulo , v. 30, n. 3, p. 335-342, Dec. 2018 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702018000300335&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 de maio de 2020. <http://dx.doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.141124>.

DALTRO, M., & BARRETO Segundo, J. D. (2020). A pandemia que nos mostra quem somos? **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, 9(1), 5-8. doi: 10.17267/2317-3394rpds.v9i1.2844

FERGUSON, N., LAYDON, D., NEDJATI Gilani, G., IMAI, N., AINSLIE, K., BAGUELIN, M., ... & GHANI, A. (2020). **Report 9: Impact of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID19 mortality and healthcare demand**. Recuperado em abril 27, 2020

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2018, 117p

_____, Byung-Chul. La emergencia viral y el mundo de mañana. In: **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporâneo em tempos de pandemia**, p. 97-112. 2020. ASPO.

JAQUET, G. M. (2016). Discursivo e não-discursivo: acontecimento em Foucault, Deleuze e Veyne. **Sapere Aude**, 7(14), 715-731. <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2016v7n14p715>

LI, W.; YANG, Y.; LIU, Z. H.; ZHAO, Y. J.; ZHANG, Q.; ZHANG, L.; CHEUNG, T.5 & XIANG, Y. T. (2020) Progression of mental health services during the COVID-19 outbreak in China. **International Journal of Biological Sciences**, 16 (10), 1732-1738.

LIMA C.K.T., CARVALHO P.M.M., LIMA I.A.A.S., NUNES J.V.A.O., SARAIVA J.S., DE SOUZA R.I., DA SILVA C.G.L., NETO M.L.R. The emotional impact of Coronavirus 2019-nCoV (new Coronavirus disease) **Psychiatry Res**. 2020;287:112915. doi: 10.1016/j.psychres.2020.112915.

MACHADO, Bruna Soloina Monteiro, GONÇALVES, Marcos Vinícius Fernandes e ARCANJO, Maria Fernanda Gomes , « Neoliberalismo em tempos de coronavírus ou coronavírus em tempos de neoliberalismo? », **Espaço e Economia** [Online], 18 | 2020, posto online no dia 18 abril 2020, consultado em 04 maio 2020. URL: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/12379>

MCBRIDE, O., MURPHY, J., SHEVLIN, M., GIBSON Miller, J., HARTMAN, T. K., HYLAND, P., ... BENTALL, R. (2020, April 13). Monitoring the psychological impact of the pandemic in the general population: an overview of the context, design and conduct of the COVID-19. **Psychological Research Consortium (C19PRC) Study**. <https://doi.org/10.31234/osf.io/wxe2n>

MINISTÉRIO DA SAÚDE (2020). **Painel coronavírus**. Recuperado em maio 04, 2020, de <https://covid.saude.gov.br/>.

MORAES, R. **Prevenindo Conflitos Sociais Violentos em Tempos de Pandemia: Garantia da Renda, Manutenção da Saúde Mental e Comunicação Efetiva**. Brasília: Ipea. Março, 2020. (Nota Técnica Diest, n. 27).

MORGANSTEIN, J. C., FULLERTON, C. S., URSANO, R. J., DONATO, D., & HOLLOWAY, H. C. (2017). Pandemics: health care emergencies. In B. Raphael, C. S. Fullerton, L. Weisaeth, & R. J. Ursano Eds., **Textbook of disaster psychiatry** (2 ed., pp. 270–284). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781316481424.019>

ORNELL F, SCHUCH JB, SORDI AO, KESSLER FHP. Pandemia de medo e covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Revista debates in Psychiatry**. 2020. In press. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/arquivos/pandemia-de-medo-e-covid-19-impacto-na-saude-mental-e-possiveis-estrategias>. Acesso em: 04 de maio de 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (2020). **Coronavirus disease (COVID-19) situation dashboard**. Recuperado em 04 de maio, 2020, de <https://covid19.who.int/>

PETERMAN, A., POTTS, A., O'DONNELL, M. et al. (2020). Pandemics and Violence Against Women and Children. **Center for Global Development Working Paper 528** Washington, DC: Centre for Global Development.

PETIT, S. L. El coronavirus como declaración de guerra. In: **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporâneo em tempos de pandemia**, p. 55-58. 2020. ASPO.

RAUTENBERG, S.; CARMO, P. R. V. do. “Big Data E Ciência De Dados: Complementariedade Conceitual No Processo De Tomada De decisão”. **Brazilian Journal of Information Science**, vol. 13, nº 1, março de 2019, p. 56-67, doi:10.36311/1981-1640.2019.v13n1.06.p56.

RAJKUMAR, R.P. COVID-19 and mental health: a review of the existing literature. **Asian J Psychiatr**, 2020; 52.

REIS, Ana Maria, CARVALHO, Lucas de Francisco. Produção científica sobre o Transtorno de Estresse PósTraumático no contexto de desastres. **Revista Avaliação Psicológica**, 15(2), 237-247, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v15n2/v15n2a13.pdf>

ROCHA, M. Z. B. As Sendas da Verdade: um olhar foucaultiano sobre a busca da verdade. **Sociologias**, v. 20, n. 47, p. 308-336, 2018.

RU, Hong; YANG, Endong; ZOU, Kunru, What Do We Learn from SARS-CoV-1 to SARS-CoV-2: **Evidence from Global Stock Markets** (April 6, 2020). Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=3569330>.

SCHMIDT, Beatriz; CREPALDI, Maria Aparecida; BOLZE, Simone Dill Azeredo; NEIVA-SILVA, Lucas; DEMENECH, Lauro Miranda. Impactos na Saúde Mental e Intervenções Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19). **SciELO**. <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/58>. Acesso em: 27 de abril de 2020.

SILVA, Rafael Bianchi Silva; ALEXANDRE, Ana Clara Siena. Políticas sociais e subjetividade: discussões a partir do contexto neoliberal. **Revista Psicologia em Pesquisa**. v. 13 n. 1, p. 1-11, jan-abr. 2019.

SOOD, Sadhika. 2020. Psychological effects of the Coronavirus disease-2019 pandemic. **Res. Hum. Med. Educn.**, 7 (1) (2020), pp. 23-26.

TELECO – **Inteligência em Telecomunicações**. Disponível em: <https://www.teleco.com.br/pais/celular.asp>. Acesso em: 28 out 2020.

USHER, K.; BHULLAR, N.; DURKIN, J; GYAMFI, N.; JACKSON, D. Family violence and COVID-19: increased vulnerability and reduced options for support. **Int J Ment Health Nurs** (2020)

VIANA, A. L. A.; SILVA, H. P. da. Meritocracia neoliberal e capitalismo financeiro: implicações para a proteção social e a saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 7, p. 2107-2118, jul. 2018. Disponível em: . Acesso em: 13 out. 2020.

WANG, C., PAN, R., WAN, X., TAN, Y., XU, L., HO, C. S., & HO, R. C. (2020). Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 coronavirus disease (COVID-19) epidemic among the general population in china. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, 17(5), 1729. <https://doi.org/10.3390/ijerph17051729>

WILDER-SMITH, A; CHIEW, C.J.; LEE, V. J. Can we contain the COVID-19 outbreak with the same measures as for SARS? **Lancet Infect Dis** (2020) published online March 5. [https://doi.org/10.1016/S1473-3099\(20\)30129-8](https://doi.org/10.1016/S1473-3099(20)30129-8)

ZIZEK, S. Coronavirus es un golpe al capitalismo al estilo de ‘Kill Bill’ y podría conducir a la reinvencción del comunismo. In: **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporâneo em tempos de pandemia**, p. 21-28. 2020. ASPO.

Apêndice II – Frequência de palavras encontradas na transcrição das entrevistas após ajustes

Frequência	Palavra	Frequência	Palavra
50	pandemia	14	angústia
34	casa	14	mãe
26	crise	14	procura
24	ansiedade	14	saúde
24	liberdade	13	aulas
23	medo	13	COVID-19
22	clínica	13	sintomas
22	psicologia	12	emprego
21	criança	12	encontrar
20	família	12	perder
18	dificuldade	11	confinamento
18	lidar	11	conflito
18	Sete Lagoas	11	problemas
16	online	11	risco
16	sentimento	11	sofrimento
16	trabalho	10	demanda
15	conseguir	10	depressão
15	distanciamento social	10	filhos
15	economia	10	jovens
15	gravidade	10	morte
15	informações	10	Patologia
15	queixa		